

O diário da tarde de maior circulação em Portugal
Fundado por ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

República

Director: CARVALHÃO DUARTE
Director-Adjunto: ALFREDO GUISADO

DOMINGO, 30 DE NOVEMBRO DE 1969

O PÃO NOSSO DE CADA DIA

Vimos com certa mágoa a notícia de que foi pedido o aumento do preço do pão. Dizer que o pão é artigo de primeira necessidade é repetir o que toda a gente sabe. E os senhores padeiros ou industriais de padaria ainda o sabem melhor que todos nós.

Sabemos que não há razões para considerar este País subdesenvolvido; pelo menos vastas camadas de população deram a entender que isso é falso ou que, sendo certo, disso se não interessam muito ou disso se não perceberam.

Mos o que é verdade é que uma grande maioria dos portugueses considera o pão como um dos principais alimentos. Muitos ainda o consideram uma coisa sagrada. Em muitas aldeias, quando alguém deixar cair um pedaço de pão, é vulgar apanhá-lo e beijá-lo.

Há muitos que não cultivam nem colhem o pão suficiente para o consumo de todo o ano.

Há muitos que não compram o pão que lhes é necessário.

Não obstante estar à mesa a todas as refeições, gostamos sempre de o saborear, sobretudo quando os fabricantes têm aquela formação suficiente que, pondo de lado as ganâncias inconfessáveis, os leva a fornecer-nos um pão bem cozido, agradável ao paladar.

Antes de ler Aquilino já me fora dado observar o prazer e a calma com que os camponeses deflavam na malga do caldo de couves, pedaços duros de pão, centeio, cuidadosamente cortados com

OSWALDO RIBEIRO PELIZ

a navalha que tiravam do bolso. O pão, a botelha do vinho, e a sombra fresca do castanheiro eram, por momentos, a paz e a felicidade do camponês.

Embora os senhores que tudo sabem quanto à ciência da alimentação o não considerem do maior valor alimentar, somos de crer que é do pão que os camponeses tiram forças para a intensa luta com a terra. É o pão que lhes dá vida. É a colheita do cereal, aquela cujas tarefas, embora mais du-

(Continua na 2.ª página)

Vietnam

ABATIDOS TRÊS HELICÓPTEROS AMERICANOS

SAIGÃO, 30 — A artilharia anti-aérea norte-vietnamita abateu ontem mais três helicópteros americanos a 126 quilómetros a nordeste de Saigão, anunciou um informador militar.

Morreram os dois tripulantes de um dos helicópteros e ficaram feridos mais três tripulantes dos outros dois.

O informador disse que eleva-se a 1.402 o total de helicópteros americanos abatidos até agora no Vietnam do Sul. — (R.)

O FUTURO DE UM PAÍS pode avaliar-se no presente através da sua juventude

• diz a «República» um finalista do Curso de Ciências Económicas e professor primário

As declarações do nosso entrevistado, Francisco Tóme, visam essencialmente os problemas do ensino e são a resultante de uma dupla experiência como professor e como aluno. Tendo concluído há sete anos o Curso do Magistério Primário, estudou como aluno nocturno desde o 5.º Ano até se inscrever, como voluntário, no Curso de Ciências Económicas, encontrando-se presentemente na fase final do referido curso. Lecciona, portanto, há sete anos. Pessoa conhecedora e interessada pelos problemas que afectam o ensino, deixa transparecer, claramente, com a espontaneidade e precisão que sempre o caracterizam, que é sua preocupação constante a actualização dos processos de ensino. De facto, é um professor-estudante, condição que considera sempre necessária para um constante aperfeiçoamento e que qualquer professor deve procurar. Como nos declarou o ensino não é uma profissão fácil. Exige um trabalho árduo e preocupação constante. O professor está continuamente ameaçado pela repetição e monotonia do trabalho, doença que só a ele cabe evitar.

P. — Como encara a situação do ensino particular, no nosso País?

R. — Exceptuando os estabeleci-

mentos considerados de luxo e, cuja frequência é considerada indicador de elevado nível sócio-económico dos familiares, o ensino particular funciona, na generalidade, como complemento necessário do ensino oficial.

No ensino pré-primário é mesmo, praticamente, o único existente. E, nesse campo, ele tem desempenhado um papel importantíssimo. Todos reconhecemos a cada vez maior necessidade de tal grau de ensino. Hoje, a mãe tra-

(continua nas páginas centrais)

«REPÚBLICA»

Amanhã, 1.º de Dezembro, feriado comemorativo da Independência Nacional, «República» não se publica, pelo que se encontram encerrados os seus escritórios e oficinas.

A MORTE DE UM HOMEM SIMPLES ALVES REDOL foi a enterrar aos ombros de Avieiros de Operários e de Estudantes



Realizou-se hoje, às 12 horas, na Casa da Imprensa para o Cemitério de Vila Franca de Xira, o funeral do escritor Alves Redol.

O funeral seguiu para Vila Franca, pela estrada velha, chegando ali cerca das 13 horas. A partir de então e até às 15, os restos mortais do grande escritor permanecerão na biblioteca da União Desportiva Vila-Franquense. Dali para o cemitério foi transportado

por turnos, aos ombros dos pescadores da Nazaré, de operários, de avieiros, de escritores e de jornalistas, de estudantes e de colegas do grupo inicial do neo-realismo.

Foi impressionante e as lágrimas silenciosas corriam por muitos rostos curtidos pelo trabalho; lágrimas nos olhos daquela gente anónima, que ele muito amou e por quem muito foi amado. Homens que o ajudaram a escrever «Fenda na Muralha», «A Barca dos Sete Lemes». Foram eles, principalmente, que o choraram hoje, que o choraram logo que souberam da sua morte. Sim, foi a classe piscatória aquela que mais sentiu a sua morte, pois junto dela, para aprender como se ganha duramente o pão — e Redol também ganhara o pão que o sal das lágrimas amassou — que Alves Redol vivera durante bastante tempo. Foi junto deles que Redol, o homem simples e de trato afável, viveu; era com eles que se abria humanamente, ouvindo-os e, com eles, descalço, partia para as fainas do mar ou com eles se demonstrava nas tabernas, comungando os seus sonhos e as suas dores.

Os homens da «campanha» de Alves Redol estavam presentes, uma presença humana, afectiva, feita de altissonante sinceridade. E foram outros homens simples que ali estiveram, que ali se viam prestando a sua homenagem à memória do homem simples, espontâneo, sincero, que deixa uma

(Continua na última página)



PRESENÇA — II DO DR. VASCO DA GAMA FERNANDES

Saiu o segundo volume de Presença, do nosso querido amigo dr. Vasco da Gama Fernandes, colectânea de discursos, conferências, artigos e crónicas.

O leitor encontra nas páginas deste livro um elucidário com-

(Continua na última página)

VISADO PELA CENSURA

COM A AJUDA DOS NOSSOS AMIGOS os protegidos de «República» terão um Natal melhor

Quadra por natureza festiva injusto se tornaria que essa alegria não pudesse transbordar em todos os lares sobretudo no daqueles a quem falta, tantas vezes, a presença de um ou mais dos componentes. A pobreza nem sempre é o pior dos males — bem pior é a ausência de seres queridos. Quando uma se alia à outra então a situação é amarga e duplamente triste. Mais grave e penosa ainda se nota quando, como agora, se aproxima um período de tempo habitualmente em todos os lares considerado de festa e contentamento.

Será suficiente para mitigar a dor de uns tantos, a carência material de outros a nossa colaboração em donativos? A dor não se paga, todos sabemos. Mas é possível, cremos, alguma suavização se nos lares faltam apenas aquilo que o dinheiro não pode dar. Porque entendemos que a contribuição para levar aos lares dos nossos correligionários desamparados ao menos um mínimo de conforto material, lançamos este apelo todos os anos, aguardando a indesmentível generosidade dos nossos leitores.

Jovens americanos solidários com Cuba vão participar na colheita da cana de açúcar

HAVANA, 30 — Várias dezenas de jovens americanos chegaram ontem a Cuba para participarem na colheita da cana de açúcar numa manifestação de solidariedade com o povo cubano.

A chegada dos jovens, que não foi ainda anunciada na imprensa local, foi presenciada por jornalistas que tinham ido ao aeroporto de Havana de madrugada por causa do avião da Varig desviado para Cuba.

Os jornalistas acidentalmente viram os jovens americanos desembarcarem de um avião cubano proveniente do México e serem levados em três autocarros que se dirigiram para uma plantação de cana situada nos arredores de Havana.

Segundo fontes bem informadas, este grupo constitui a vanguarda de 300 jovens americanos vindos de vários pontos dos Estados Unidos e que vão trabalhar como voluntários durante dois meses a cortar cana de açúcar.

O primeiro-ministro Fidel Castro declarou já que a colheita deste ano deverá atingir o nível «record» de 10 milhões de toneladas e para que não haja interrupções no trabalho, foram cancelados todos os feriados, com excepção do Dia de

Natal, até a colheita estar terminada.

Mais voluntários

São também esperados como voluntários para trabalhar na colheita cinco soldados do Vietnam do Norte e cinco guerrilheiros do Vietcong.

Entre os jovens americanos figuram várias raparigas e alguns negros. Todos eles se mostravam muito alegres e animados quando tomaram lugar nos autocarros, mas o trabalho que os espera vai ser muito duro, sobretudo para jovens que não estão habituados a esta tarefa.

Protegidos por chapéus de palha e com luvas, passarão várias horas cortando cana com as suas catanas debaixo do sol quente dos trópicos.

Nos primeiros dias, a sua produção deve ser extremamente baixa mas gradualmente poderão atingir a norma estipulada este ano para jovens trabalhadores que é de 1.200 quilos de cana cortada em oito horas de trabalho.

Nenhum deles porém sonhará igualar o campeão cubano Pedro Del Toro, de 25 anos, a que a imprensa chama o «Titan da machete», pois corta cerca de 12.000 quilos de cana por dia. — (R.)

JORNAL DE AMANHÃ

Comemora-se no País o «Dia do Selo». Em Lisboa o Clube Filatélico de Portugal promove uma exposição filatélica na respectiva sede, Avenida Almirante Reis, 70-5.º dit.

● A Casa do Concelho de Gouveia principia a comemorar o seu 18.º aniversário, realizando-se, às 21.30 uma conferência sobre «Folgosinho, terra de Viriato», proferida pelo sr. Fernando João de Vasconcelos Mendes Belo.

● No prosseguimento das suas actividades o grupo cénico do Clube Estefânia levará à cena, pelas 16 horas, as peças «Execução sumária», «O doido e a morte» e «A sombra da ravina».

AMANHÃ — abertura solene da Assembleia Nacional

Realiza-se amanhã, às 11 horas, a abertura solene da décima legislatura da Assembleia Nacional.

Presidirá o Chefe do Estado, que dirigirá uma mensagem à nova Câmara, e assistirão o presidente do Conselho, todo o Governo, o corpo diplomático e outras individualidades.

Entretanto, a P.S.P., por motivo da referida cerimónia, procederá a diversas alterações de trânsito na zona do edifício da Assembleia Nacional ou artérias de acesso.

O FUNERAL de Alves Redol

(Continuado da 1.ª pág.)

obra que é o reflexo fidelíssimo da sua vida, do seu espírito e do seu coração.

Redol morreu sem assistir à estreia da sua peça, «Forja», que deverá efectuar-se, ainda, em Dezembro, num teatro de Lisboa.

O homem da verticalidade cívica, do ideário democrático, o homem bom, tombou; guarda-o a terra que ele muito amou; choram-o os homens simples e os outros que retêm da sua presença uma imagem de grande dignidade.

A ÚLTIMA HOMENAGEM DE LISBOA

Como já ontem informámos, escritores e jornalistas lançaram um apelo à população de Lisboa para se incorporar no funeral. E ela não faltou. Lá esteve, tributando a sua homenagem ao romancista dos humildes e do homem do povo.

Assinaram aqueles documentos: «Ferreira de Castro, Assis Esperança, Fernando Lopes Graça, José Gomes Ferreira, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, João José Cochofel, Virgílio Ferreira, Maria Judite de Carvalho, Isabel da Nóbrega, Urbano Tavares Rodrigues, Bernardo Santareno, Joel Serrão, Rui Grácio, Augusto Abelaira, José Tengarrinha, Mário Sottomayor Cardia, Alberto Ferreira, Augusto da Costa Dias, Alexandre Cabral, Orlando da Costa, José Carlos Ary dos Santos, José Saramago, Maria Teresa Horta, Jacinto do Prado Coelho, Faure da Rosa, Antunes da Silva, Manuel Ferreira, Mário Ventura Henriques, Carlos Eurico da Costa, Mário Dionísio».

Foram os seguintes jornalistas que convidaram a população de Lisboa a associar-se ao funeral do escritor Alves Redol, como homenagem devida à memória de um grande escritor e cidadão.

«Manuel de Azevedo, Joaquim Benite, Pedro Rafael dos Santos, Mário Zambujal, Edite Soeiro, Pedro Alvim, Renato Boaventura, Herculano Carreira, Afonso Praça, Silva Pinto, Joaquim Letria, António de Sousa, Neves de Sousa, Lobo Pimentel, Salvador Ribeiro, Raul Rego, José Carlos de Vasconcelos, Fernando Assis Pacheco, Torquato da Luz, Mário Castrim, João Gomes, Alice Nicolau, Marcelino Mesquita, Miguel Serrano, Mário Alexandre, Eduardo Valente da Fonseca, Figueiredo Filipe, Artur Alpedrinha Alfredo Marques, Acácio Barradas, Baptista-Bastos, Mário Ventura Henriques, Adelino Cardoso, Daniel Ricardo, Rodolfo Iriarte, Rogério Fernandes, Alfredo Barroso, Fernando Carneiro, Cáceres Monteiro, Mário Cardoso, Alves Fernandes, Fernando Garcia, Oliveira Figueiredo, Manuel Alpedrinha, Fernando Soromenho, Luís de Oliveira Nunes, Afonso Serra, Manuel Batoré, Vítor Silva Tavares e Luís Barroso».

MANIFESTAÇÕES DE PESAR

Familiares, amigos ou simples admiradores, muitas foram já as pessoas que se dirigiram à Casa da Imprensa, onde o corpo de Alves Redol se encontra depositado, numa última homenagem ao grande escritor, agora desaparecido.

Entre eles destacamos: seu pai, António Redol da Costa, a viúva e o filho de Alves Redol, D. Maria dos Santos Mota Redol, D. Maria dos Santos Mota Redol e eng. António Mota Redol, sua irmã, D. Inocência Alves Redol Ferreira, além de outros familiares.

Muitos nomes conhecidos da vida literária e artística, estiveram, também, ali presentes ou enviaram condolências à família: os escritores Augusto Abelaira, Santos Fernando, Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Joel Serrão, Joaquim Paço d'Arcos, Ferro Rodrigues, João José Cochofel, Oscar Lopes, Armando de Castro, Natália Correia, Romeu Correia, Alexandre Cabral, António Borge, Francisco Lyon de Castro, Tomás Ribas, Egipto Gonçalves, Maria Judith de Carvalho, Urbano Tavares Rodrigues, por si e por seu irmão Miguel Rodrigues, Egidio Namorado, Dórdio Guimarães, Bernardo Santareno; jornalistas Mário Neves, director adjunto de «A Capital», Rogério Fernandes, Joaquim Benite, Fernando Fragoso, presidente da Assembleia Geral da Casa da Imprensa, Diamantino Faria, padre Diniz da Luz, Manuela de Azevedo, João Corregador da Fonseca, António Valdemar, Mateus Boaventura, presidente da direcção da Casa da Imprensa, António Marcelino Mesquita, Artur Alpedrinha, Miguel Serrano, Figueiredo Filipe, Cristiano Lima; actores, Costa Ferreira, Rogério Paulo, Glicínia Quartin, Morais e Castro, por si e pelo «grupo 4»; dr. Artur Pinto da Cunha Leal, eng. Aquilino Ribeiro Machado, cap. Carlos Vilhena, José Manuel Bernardino, Rafael Calado, João Palla e Carmo, Júlio Pereira, Abel Manta, José Augusto de Gouveia, dr. Carlos Estorninho.

Também na nossa Redacção, recebemos um telegrama de condolências à família, assinado pelos srs. Joaquim Ortigão, João Lima, Fernando Mougá, dr. Osvaldo Peliz, dr. Alvaro Monteiro, António Lopes Ribeiro, Umberto Lis, Manuel Ortigão, José Pereira Nogueira, Adolfo Amaro, Alfredo Rodrigues Almeida, dr. Manuel Cardoso Pessoa e José Simões Diniz.

Mas para além de todos os nomes ali expressos, a melhor homenagem que poderia ser prestada à memória de Alves Redol, aquela que ele certamente mais apreciaria, está expressa nos telegramas de condolências enviados por gente anónima, gente do povo, que o escritor tão bem soube retratar na sua obra. Neste caso os telegramas enviados por um numeroso grupo de pescadores da Nazaré.

«República» e o seu director, prof. Carvalhão Duarte, estiveram representados no funeral pelo director adjunto, dr. Alfredo Guizado.

PRESENÇA

(Continuado da 1.ª pág.)

pleto, onde decorrem pontos de vista jurídicos ou se descrevem figuras de democratas, paisagens e países, documentando a veemente convicção democrática do autor. A sua leitura reveste-se, portanto, do maior interesse para todos os que estão atentos ao desenrolar da cena política portuguesa das últimas décadas.

Este volume é, assim, mais uma contribuição para a História moderna do País, caracterizada pelo brilho literário, a análise límpida, a sobriedade e a precisão de linguagem já conhecidas dos nossos leitores através da colaboração do dr. Vasco da Gama Fernandes no nosso jornal.

Não é difícil augurar, pelos motivos apontados, merecido êxito a esta obra com qual todos nos devemos congratular.

1.º DE DEZEMBRO

As comemorações no País

O 1.º de Dezembro é comemorado em todo o País.

Em Lisboa e à semelhança dos anos anteriores a Sociedade Histórica da Independência de Portugal promove amanhã a comemoração daquela data, prestando homenagem aos restauradores, junto do respectivo monumento, em que estarão presentes a direcção e associados com a respectiva bandeira.

Em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO — As festas com que os estudantes do Liceu costumam comemorar a data histórica do 1.º de Dezembro, principiaram ontem, à tarde, com um cortejo constituído por alguns carros alegóricos e grupos apeados com motivos locais e internacionais. Hoje efectua-se um baile no salão dos Bombeiros Voluntários e amanhã uma tarde desportiva. À noite, a encerrar o programa, o tradicional sarau no Teatro Sá de Miranda.

Em Faro

FARO — Assinalando a data histórica da restauração da independência de Portugal, o Liceu Nacional de Faro realizou ontem uma sessão, que foi presidida pelo respectivo reitor, dr. Joaquim Magalhães, o qual se dirigiu aos alunos, exaltando o significado do acontecimento. Foram distribuídos os prémios das competições desportivas e concursos realizados no decurso do último ano escolar. O orfeão liceal, sob a direcção do professor Eduardo Dores, interpretou alguns números.

Também a Escola Preparatória D. Afonso III realizou ontem a sua primeira festa, para assinalar igualmente o Dia da Independência. Usaram da palavra vários oradores, que enalteceram o significado da data. Amanhã, novas comemorações, promovidas pela Escola Industrial e Comercial de Faro.

Em Évora

ÉVORA — À semelhança dos anos anteriores, o Liceu Nacional de Évora promove amanhã as comemorações da data da Independência Nacional, com o seguinte programa:

As 15 horas, sessão solene, na Sala dos Actos; às 21.30, recita de gala em que actuará o Orfeão Maior e a Tuna Académica, sendo representada a peça em um acto «Caiu um Anjo», de Fernando Amado, fechando com um acto de

variedades «Piz-Piz», seguido de uma serenata.

Na sessão solene serão oradores o dr. Vale Ferreira, professor do Liceu e os alunos Maria Margarida Prates e António Manuel Angelo, que versarão temas alusivos à data que se comemora.

Estações de correio abertas ao público

Estarão abertas ao público, amanhã e no próximo dia 8 as estações de 1.ª e 2.ª classes do Continente e Ilhas Adjacentes, bem como as urbanas de Lisboa e Porto que, antes de 15 de Novembro, efectuavam serviço aos domingos e dias feriados.

O horário de abertura e fecho será, para todas, idêntico ao que cumpriam, aos domingos e feriados, antes daquela data.

ANDAM PESSOAS NA LUA?

Só as que não se habilitam todas as semanas aos balcões da Casa da Sorte, que na última extracção vendeu mais uma «Sorte Grande», no valor de 4 mil contos. Para a próxima Lotaria, a da Padroeira, com uma «Sorte Grande» de 6 mil contos, e para os 50 milhões da Lotaria do Natal, habilitem-se todos na CASA DA SORTE — a Casa que, este ano, fez já 125 milionários...